

# *Reativação, só com juros baixos*

**Da sucursal de  
BRASÍLIA**

Uma relativa melhoria das condições econômicas do Brasil só será possível com uma redução ou, pelo menos, manutenção das taxas de juros nos Estados Unidos, e se o preço do petróleo em dólares permanecer estável, afirma um documento preparado por técnicos do governo.

Embora alerte para "consequências perversas" sobre o Brasil, em decorrência da persistência das taxas de juros reais bastante elevadas, o documento ressalva que uma redução das taxas nos Estados Unidos, causada por uma política fiscal mais restritiva, poderá provocar um enfraquecimento do dólar, revertendo a atual situação: as exportações americanas se tornariam mais competitivas, surgiriam pressões inflacionárias naquele país e a continuidade da recuperação econômica estaria novamente sob risco.

Destaca o documento que o leve crescimento, de apenas 1%, em volume de comércio internacional em 1983 é explicado quase exclusivamente pelo aumento das importações norte-americanas. As vendas do Brasil ao mercado norte-americano, por exemplo, cresceram 24,2% em relação a 1982, tendo obtido um saldo de US\$ 2,5 bilhões, ao mesmo tempo em que o País diminuía suas compras nos EUA em mais de US\$ 600 milhões.

O documento faz um histórico do comportamento das taxas de juros em período recente: medidas em termos nominais, as taxas de juros mostraram uma sensível queda a partir de 1980, quando a **prime rate** se situou em 21,5% (média anual) e a **Libor** em 16,44%; em 1982, as taxas caíram para 14,6 e 13,4%, respectivamente; no primeiro semestre de 1983, enquanto a **prime rate** se estabilizava em torno de 10,25%, a **Libor** oscilava entre 9 e 9,8%. Já no segundo semestre do ano, aquelas taxas sofreram uma elevação, com a **prime** situando-se em 10,7% e a **Libor** girando em torno de 10,3%. Finalmente, nos últimos 30 dias, a **prime** acabou por atingir 12%.

As taxas de juros reais, portanto, permanecem bastante elevadas diante da queda acentuada das taxas de inflação nos Estados Unidos e na área do eurodólar. Descontada a inflação, as taxas de juros reais de curto e longo prazos nos Estados Unidos oscilaram entre 4 e 6% durante o ano passado, enquanto nos demais países da OCDE aquelas taxas variaram entre 3 e 7%, praticamente os mesmos níveis registrados em 1980.

Por outro lado, como as taxas de juros reais têm sido mais elevadas nos Estados Unidos que na área do eurodólar, os países europeus vêm sendo obrigados a aumentar suas taxas internas para evitar o já volumoso fluxo de capitais da Europa para os EUA.